



Madeira, Beach of Funchal



R. P. 114 - Madeira, Funchal (praia), Engenho



Madeira, Funchal, Rua de João



ANUÁRIO

N.º 5 • 2013

MANUSCRITO EVANGELHOS E JURAMENTOS MESA GRANDE DA ALFÂNDEGA DO FUNCHAL 1616

HELENA PAULA F. S. BORGES
MARIA DA FONTE COELHO



ANUÁRIO 2013

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

ISSN: 1647-3949, FUNCHAL, MADEIRA (2013)

PP. 178 - 189

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

HELENA PAULA F. S. BORGES**Data de nascimento:** nov.1968**Naturalidade:** Funchal/Madeira**Formação Académica:** Licenciatura em Humanidades pela Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia de Braga; Mestrado em literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea; Dissertação de Mestrado: *A Contemporaneidade do Auto da Malícia das Mulheres – Baltazar Dias – Dramaturgo das Vivências e Tradições Popular*. in repositório Veritati – U.C.P. Braga <http://hdl.handle.net/10400.14/6068>; Biblioteca Nacional de Portugal CDU 821.134.3-2 Dias, Baltazar.09(043.2) Cota L.66066V.**Atividade profissional:** Docente de Língua Portuguesa.**Publicações colaborativas** - Artigos de Opinião no D.N. Madeira: Diz-me que Moda Segues, Dir-te-ei Quem És... - 18 Agosto 1994; Guerras, Aqueles Monstros! (I e II) - 15 e 16 de set. 1994; Maravilhas que se Vão...- 20 set. 1994; Eternamente Ser-se Mulher! (I e II) - 8 e 14 de out. 1994; Ensinar é Ridículo, Aprender é Gratificante. - 20 out 1994; Traduzir: Ser Fiel ou Fidelíssimo? - 10 nov. 1994; Os Homens Devem Estar Loucos. - 31 dez. 1994; Por Debaixo do Pano... - 29 jan. 2003; A Educação do Carácter. - 3 março 2003; Não Sobrará Um Professor. - 26 maio 2003; Os TIC's da Educação. - 2 set. 2003; Educação em SMS. - 6 out. 2003; A Culpa é do Ceguinho... - 11 nov. 2003; Andar Pela Rama. - 27 dez. 2003; Genericamente Indisciplinados. - 12 fev. 2004; Sem Justificações Plausíveis. - 31 mar. 2004; Desvairadas Edições. - 29 maio 2004; Leitura Em Férias. - 28 julho 2004; Parlendar. - 31 Julho 2004; Desabafo Apoteótico. - 10 out 2002**MARIA DA FONTE COELHO****Data de nascimento:** jan.1968**Formação Académica:** Licenciatura em Humanidades pela Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia de Braga; Mestrado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea; Dissertação de Mestrado - *Os Contos Populares e os “Bons Caminhos”*. in repositório Veritati –U.C.P. <http://hdl.handle.net/10400.14/5697>; Biblioteca Nacional de Portugal CDU 821.134.3-91(469.8)(043.2) 398.2(=1.469)(043.2) Cota L.6784 A.**Atividade profissional:** Docente de Língua Portuguesa. Maria da Fonte Coelho

RESUMO

Antigo manuscrito datado do séc. XVII, denominado de *Juramento* ou *Evangelho*, este documento é uma compilação de textos bíblicos, em fólhos e em latim, que delinea o universo histórico regional que lhe serve de contexto, relevando a larga extensão da sua importância, o que justifica outrora a sua localização a partir do ano de 1616 e anos subsequentes na Mesa Grande da Alfândega do Funchal, a mais antiga repartição pública do arquipélago. A sua elaboração foi pedida pelo Capitão António Fonseca Pimentel e torna-se num conjunto de textos relevantes pela beleza e profundidade dos textos bíblicos selecionados, verdadeiras obras de História e de Literatura que representam um instrumento renovador da ética que acompanhou todo o trabalho daquela instituição pública.

O documento acentua assim a concretização de todas as atividades implementadas pela Alfândega do Funchal, com recurso a transcrições de Evangelhos específicos de S. João, S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas e identifica uma época de situação económica vantajada mas igualmente de contornos económicos propícios a fugas fiscais, promovidas pelo comércio do açúcar na altura, na ilha da Madeira.

PALAVRAS-CHAVE: Juramento; Evangelho; Mesa Grande; Alfândega;; Madeira; comércio; açúcar; António Fonseca Pimentel.

ABSTRACT

Ancient manuscript from the XVII century, known as oath or gospel, this is an organized document with a compilation of biblical texts, on folios and in Latin, that reveals the historical and regional universes which, in its context, determines its existence since 1616 and subsequent years on the *Mesa Grande*, at the Funchal Customs office, the oldest public department in the archipelago. Its preparation was requested by Captain António Fonseca Pimentel and it became a collection of items, relevant for its beauty as well as for the specifically selected biblical texts, true testimonies of both historical and literary structures, representing a renewed appliance of ethics, which accompanied the functions of such a public institution.

The document accentuates/underlines the accomplishment of all the applied work and activities by the Customs office on the island, using the resources of the gospel transcriptions of St. John, St. Matthew, St. Mark and St. Lucas. It identifies an advantageous economic era, but also shows a time of economic conditions conducive to tax evasion, promoted by the sugar trade at this time, on Madeira island.



Introdução

O trabalho aqui apresentado tem como base um manuscrito do século XVII muito peculiar, não só pelo conteúdo, como pela profusão dos motivos iconográficos que acompanham o texto. Daremos a conhecer um documento considerado pretensamente perdido no tempo e que a nossa persistência teimou em encontrar.

Trata-se de uma compilação de textos bíblicos em Latim, sob o nome de Evangelhos (Juramentos¹), onde as iluminuras se salientam pela profusão de cores e pelo dourado de determinadas capitais, o que lhe confere a ideia de documento de luxo.

Ao analisá-lo intrinsecamente, pretendemos não só elaborar uma descrição codicológica² do mesmo, trabalho que se impõe pela estrutura e aparência convidativa dos cadernos, como também delinear o universo histórico que lhe serve de contexto, para

compreendermos a extensão da sua importância e justificar a sua presença na Mesa Grande da Alfândega do Funchal, no ano de 1616.

Não podemos deixar de referir, em particular, um dos motivos que nos levou a sentir uma atração especial por este manuscrito: a beleza e profundidade dos textos bíblicos selecionados, verdadeiras obras de literatura. Textos tão antigos e, ao mesmo tempo, tão atuais.



Contexto Histórico

Mal aportaram na ilha, os primitivos povoadores admiraram o clima saudável e o fértil solo. Desbravando as terras virgens, foram cultivando a base da sua alimentação e, consequentemente, desenvolvendo o que cedo se tornaria a base da sua economia: a agricultura. Um grande movimento comercial fez-se logo notar. Todo este rápido desenvolvimento determinou, sem demora, a criação de alfândegas ou

1 *Juramentos* - diretamente do Latim de *juramentum*, o mesmo que *sacramentum*. Ato mais ou menos solene pelo qual alguém, invocando o testemunho da divindade, se obriga, só ou conjuntamente com outros (os *conjuratores* da Idade Média), a dizer a verdade sobre alguma coisa ou dir. contestado ou a prometer fazer alguma coisa. Ex.: os juramentos de fidelidade prestados a outrem, ao cônjuge na celebração do matrimônio, ao Rei ou às instituições políticas (matrimônio ou Estado) ou à Bandeira Militar ou, ainda, como no velho direito de Roma, funciona como uma das mais solenes formas do processo de prova em juízo ou das *leges actiones*. Depois de 1910, com a separação da Igreja pelo Estado, substituiu-se pelo chamado “compromisso de honra”, aquilo que já na Idade Média se chamava “juízos de Deus” ou *Ordálias*, situação em que o réu se sujeitava a duelo ou prova de água quente ou ferro em brasa para pôr em evidência a sua inocência. O Código Administrativo de 1940 introduziu, de novo, para os funcionários públicos, uma fórmula de juramento, que o Dec. Lei 49397 de 24/11/69 veio a adotar para os servidores civis do Estado. Eis o seu teor: “Juro ser fiel à minha Pátria, cooperar na realização dos fins superiores do estado, defender os princípios fundamentais da ordem social e política estabelecida na Constituição, respeitar as leis e dedicar ao serviço público todo o meu zelo, inteligência e aptidão”. Cf. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 10).

2 Entenda-se por ‘Codicologia’ o estudo do material empregue na produção do manuscrito e das condições materiais em que este trabalho se verificou.

postos fiscais nas povoações do arquipélago, onde esse progresso era mais acentuado.

Por meados do século XV, principiaram a arrecadar-se no Funchal os primeiros impostos ou tributos alfandegários e, no fim desse século, a 15 de março de 1477, criou-se a Alfândega do Funchal, que se tornou a mais antiga repartição pública do arquipélago.

A primitiva arrecadação de impostos estava cometida a um almoxarife (o cobrador de impostos da Fazenda Real) que se incorporou, com o aparecimento da alfândega, no quadro do pessoal por ela criado. Constitui, assim, provavelmente, o cargo mais antigo.

O Conselho da Fazenda, de 12 de março de 1614, nomeou para aquele cargo António Pimentel, com o privilégio de “se lhe darem as casas da Alfândega para nelas morar e recolher os quintos do açúcar de Sua Magestade”³.

O manuscrito aqui apresentado data então de 1616, dois anos depois do Capitão António da Fonseca Pimentel ter assumido o cargo de Almoxarife. A indústria do açúcar, nessa altura, é a que fornece à Alfândega a maior parte dos seus rendimentos. Foram os tempos de glória do comércio do açúcar. A nível nacional, é uma época de crise, pois trata-se de um período de ocupação espanhola. Os impostos crescem e há um rigor acentuado a nível de cargos administrativos e respetivas funções. Em 1616, reina em Portugal D. Filipe II (1598-1621).

A situação política delicada e, em certa medida, ameaçadora do País, a par com a relativa riqueza da Alfândega, ajuda-nos a compreender o posicionamento deste documento, nos momentos iniciais mais declarados de fuga aos regulamentos alfandegários relacionados com o comércio transacionado. Ele representa, simultaneamente, um instrumento renovador da ética que deve acompanhar todo o trabalho de uma instituição pública, como é o caso da Alfândega do Funchal - um reforço da moral dos funcionários da referida instituição e, nos contornos e aparência, uma prova da situação financeira avantajada da Alfândega naquela época.

Utilizamos sempre o termo “documento” em relação a esta compilação de textos bíblicos pelo seu

objetivo, anteriormente explícito, tendo como base a definição que no século XIX se lhe chegou a atribuir – significaria, então, documento “os vestígios deixados pelos pensamentos e pelos atos dos homens do passado”⁴.



Análise do manuscrito⁵

CARATERES EXTERNOS

1. Identificação do Códice⁶

Ilha da Madeira, Alfândega do Funchal, Cofre

3 SILVA, P.dre Fernando Augusto e MENEZES, Carlos Azevedo de – *Elucidário Madeirense*, vol. I, Fac. Simile da edição de 1946. Funchal: DRAC, Direção Regional dos Assuntos Culturais, 1984, p. 43.

4 Frase traduzida de “La Critique de Textes – L’Histoire et ses Méthodes” – p. 1247, por SPINA, Sigsmundo – *Introdução à E(c) dótica*. São Paulo: Editora Cultrix, Universidade de São Paulo, 1977.

5 A estrutura da análise aqui adotada baseia-se no estudo que Oliveira Marques fez sobre *Diplomática* e que apresentou no artigo que passamos a citar: 6.MARQUES, A. H. de Oliveira – “Diplomática”, vol II. In *Dicionário de História de Portugal*, Dir. de Joel Serrão. Porto: Livraria Figueirinhas, 1992, pp. 309-314. Diz-nos o célebre historiador: “Em qualquer documento se podem considerar os caracteres externos e os caracteres internos. No primeiro grupo estão a matéria subjectiva, a matéria aparente, a matéria instrumental, a grafia e a forma mecânica. No segundo, incluem-se a língua e o discurso ou teor diplomático [...]. Por matéria subjectiva entende-se o material suporte da escrita [...]. Matéria aparente são as tintas utilizadas para escrever [...]. A matéria instrumental designa o instrumento de que nos servimos para traçar as letras [...]. Por grafia entende-se a forma das letras traçadas [...]. Na forma mecânica estudam-se os critérios de separação de linhas, palavras e letras, de estabelecimento de margens, a pontuação, etc”. O sublinhado é nosso.

6 “O códice, antepassado do livro, deriva do Latim *codex*, -cis (ou *caudex*, -cis), tronco de árvore: da madeira se faziam tabuinhas (*tabulae*) que, cobertas de cera, podiam receber a escrita; amarradas pela margem, à moda dos livros atuais, formavam os códices; mais tarde, os livros passaram a ser feitos de papel ou pergaminho, mas a designação de *codex* permaneceu.” Cfr. SPINA, Sigsmundo – *Introdução à E(c) dótica*. Op. cit. p. 23.

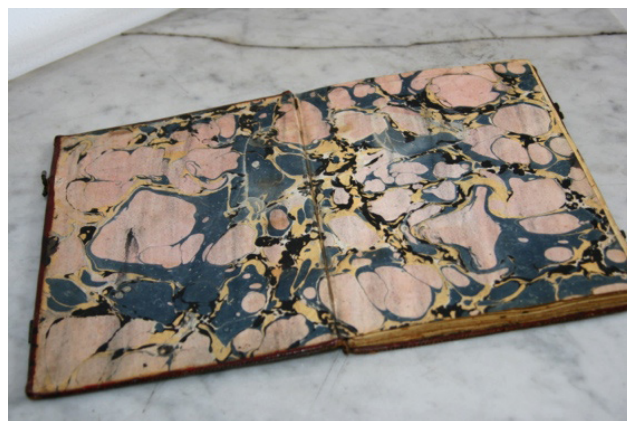
2. Suporte

Documento exarado em papel espesso, uniforme em espessura. Apresenta as folhas com iluminuras protegidas por uma fina camada de verniz ou laca. Possui algumas marcas de uso e manuseamento, sobretudo no canto inferior direito dos primeiros fólhos. Mantém a linha de cosedura original. Revela um bom estado de conservação.

Todos os fólhos receberam um aparamento uniformizado. Cada fólho apresenta cinco orifícios: dois no canto superior, dois no canto inferior e um ao centro, destinados à passagem de um cordel.



Ao centro, dois brasões em latão escurecido – um na face dianteira e outro na parte de trás.



Possui dois fechos, um dos quais danificado. Apresenta dois fólhos de guarda: um colado na frente (de um lado ao cartão e, do outro, ao primeiro fólho) e outro no final (colado ao último fólho e ao cartão).

Na cabeça e quina dos folios, a linha de corte mostra as páginas cortadas na medida exata, sem margens salientes, nem à cabeça, nem ao pé nem à goteiras, com quinas superiores acabadas em fio dourado bem conservado.

3. Encadernação

Conserva a encadernação primitiva, artesanal, verdadeira obra de arte, à imitação dos livros sagrados.

Encadernação em cartão rígido, revestido de pele vermelha escura com douraões a ornamentar, sem precisão se é ouro impresso sobre o couro com instrumento quente (como fora habitual até à época também em Itália) ou se foi pintado manualmente. O facto ter marcas profundas, com algum relevo ou sulco, faz-nos inclinar para impressão sobre couro.

A capa rígida apresenta na sua decoração uma cercadura bem delineada, com folhas estilizadas terminadas em espiral, filetes a seco, retos e curvos, entrelaçando-se a flores no centro e nos cantos. Combina florões em forma de ramos que se unem aos filetes com grande preciosismo, num resultado rude mas perfeccionista. A encadernação e a douração atingem o seu apogeu nos sécs XVII e XVIII. Testemunho de uma época, a encadernação e douração são valores simbólicos agregados ao livro, que devem ser sempre muito bem avaliados e cuidados para manter e preservar a identidade de uma determinada arte.

A lombada, com cerca de 1cm de largura, dá continuidade às douraões, sem título, acusa efeitos de desgaste nas extremidades, o que se observa também nas costas, com algumas nervuras.



4. Estruturação

12 folhas = 6 bifólios⁷ - cada bifólio encontra-se isolado, constituindo, assim, seis cadernos⁸.

5. Gramadura

Gramadura densa superior, com cerca de 350 gr, formando um suporte rígido que dificulta a dobragem.



4.1.1. Opistógrafas⁹

4.1.2. Empaginação

Fl.1: 1 col.; Lr 16/Le 8

Larg.: $1,8 + 0,2 + 10 + 0,2 + 1,3 + 0,2 + 0,8 = 14,5$

Alt.: $1,6 + 0,2 + 13,8 + 0,2 + 1,8 + 0,2 + 0,8 = 18,6$

U.R¹⁰: Fl. 1 : 8 : 8 = 1

Fl. 2: 1 col.; Lr 26/Le 13

Larg.: $1,2 + 0,5 + 0,2 + 11,3 + 0,2 + 0,6 + 0,5 = 14,5$

Alt.: $0,6 + 0,2 + 16,7 + 0,2 + 0,9 = 18,6$

U.R¹¹: Fl.2 : 2 : 15,4 : 13 = 1,2

4.1.3. Picotamento¹²

O picotamento encontra-se presente em todos os fólhos, na margem da goteira¹³, não tendo desaparecido mesmo quando os cadernos foram aparados.

⁷ Bifólio: conjunto de dois fólhos, resultado da dobragem de uma folha.

⁸ O caderno é um conjunto de fólhos obtidos pela dobragem de uma folha ou pela união de folhas dobradas.

⁹ Que contém no verso (texto escrito nas duas faces).

¹⁰ Unidade de Regramento é a que se adquire dividindo a mancha do texto pelo número de linhas escritas.

¹¹ A Unidade de Regramento da folha 2 é idêntica às seguintes, possuindo, no entanto, dois milímetros a menos na passagem da primeira para a segunda linha, pormenor que se repete em todas as páginas, sempre que se inicia, como nesta, um texto bíblico.

¹² Picotamento é um conjunto de furos usados como referência para traçar as linhas de regramento e de escrita.

¹³ Margem de goteira corresponde ao corte de dianteira dos livros em cadernos.

4.2. Foliação

Todos os cadernos apresentam a mesma constituição: são bifólios, sem qualquer tipo de foliação¹⁴.

5. Escrita

5.1. Letra Humanística, também chamada italiana – “tipo de letra mais simples e pura, adequada à copia dos clássicos latinos”.¹⁵

6. Material

Papel rígido e seco, de cor amarelada clara, com poucas marcas de folheamento e rugosidade ligeira num dos lados do fólio.



5.2. Análise particular

5.2.1. Forma – letra redonda

Ângulo – letra direita, alta;

Ductus – de cima para baixo, da esquerda para a direita;

Módulo – as zonas limítrofes das linhas de escrita são somente ultrapassadas quando se verifica o uso de maiúsculas e com algumas minúsculas, quando a caligrafia a isso obriga. Ex.: o “S”, o “P”.

Peso – o peso aplicado parece ter sido pouco, pois não se verificam marcas de força.

5.3. As *Capitulares* aparecem inseridas num quadrado que ocupa três unidades de regramento, ornamentadas com motivos naturalistas e humanos. São elaboradas a cor dourada. O quadrado em que se inserem é traçado a cor vermelha.

5.4. Os *hífens* hoje usados para a separação dos elementos da palavra, no final da linha, são assinalados aqui com duas riscas oblíquas.

5.5. Instrumento de escrita

Pena de Ave

7. Ornamentação

A ornamentação é aparatosa feita à base de iluminuras¹⁶ e miniaturas¹⁷ de tons vermelhos, azuis, verdes, dourado e castanho claro.

Revela um certo luxo, fornecido sobretudo pe-

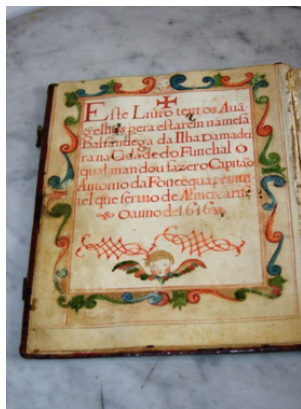
¹⁴ Foliação entende-se como o sistema de numeração de fólhos.

¹⁵ SPINA, Sigsmundo – *Introdução à E(c)dótica*. Op. cit. pág. 35.

¹⁶ Entende-se por Iluminuras “ toda e qualquer decoração executada no manuscrito”; “toda sorte de desenhos ilustrativos, especialmente nas margens da folha e com certa profusão de cores” – cfr. SPINA, Sigsmundo – op. cit. pág. 31

¹⁷ Termo originalmente aplicado à arte da iluminação, mas utilizado depois em relação a pinturas, geralmente retratos na escala muito pequena. Tardamente, Iluminura foi sinónimo de Miniatura, nome que, em rigor, cabia à escrita ou decorações a tinta vermelha. – Cfr. *Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura*. vol. 10, “Iluminura”, pág. 930.

los caracteres dourados (letra inicial de cada Evangelho), cor que reveste, igualmente, as arestas de todos os fólhos, doando ao documento um certo requinte.



Na primeira página escrita, existe uma cercadura de texto decorado com cornocópias e um rosto, envolto numa profusão de cores. Na segunda, no quadrado que circunda a letra inicial do Evangelho e a isola, grassam os motivos naturalistas (o sol, o pássaro, a natureza) e humanísticos (um homem, de aparência doura, pega num livro e parece refletir sobre o universo e a sua origem).



CARATERES INTERNOS

1. Autor

Desconhecido – não há assinaturas (mandado fazer pelo Capitão António da Fonseca Pimentel, que servia de Almoxarife, ocupando assim um dos cargos administrativos mais importantes da Alfândega).

2. Título

Evangelhos (Juramentos)

Esta espécie de subtítulo pretende, com alguma probabilidade, elucidar-nos sobre a seriedade do trabalho desenvolvido naquela instituição, onde os funcionários solenemente faziam os seus votos de respeito em relação aos seus clientes e de obediência em relação aos seus superiores, com vista ao bom desenvolvimento de todas as atividades implementadas por aquela casa.

3. Data

1616 (fol. 1v)

4. Origem

Funchal

5. Procedência

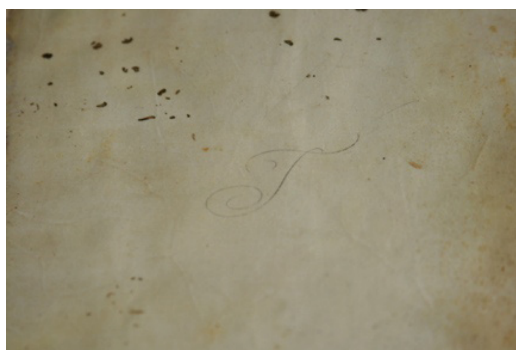
Gabinete do Diretor da Alfândega do Funchal, Cofre.

6. Destinatário

Funcionários da Alfândega da Cidade do Funchal.

7. Estruturação

O documento é constituído por um bifólio com a letra inicial T, bifólio esse que serviu também para o lançamento de um texto informativo sobre o propósito daquelas transcrições de partes de Evangelhos:

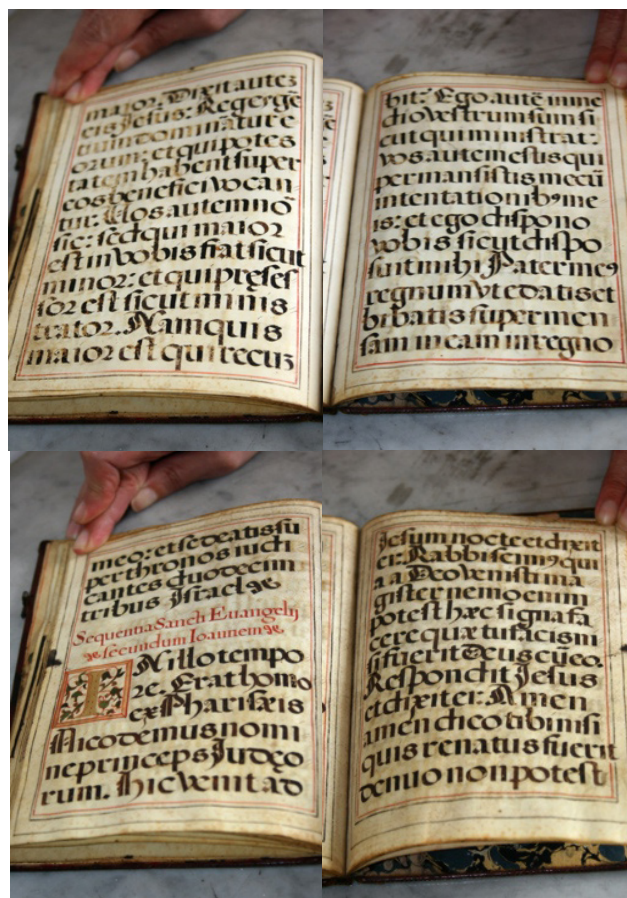


“pera estarem na mesa Dalfandega da Ilha Damadeira na Cidade do Funchal”

e para identificar o responsável pelas mesmas:

“o qual mandou fazer o capitão Ant3nio da Fonseca pimentel que servio de Almoxarife O anno de 1616.”

Seguem-se cinco bif3lios com textos b3blicos, transcri33es de Evangelhos de S. Jo3o, S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas:



Conclus3o

Este simples documento constitui uma rel3quia da Alf3ndega do Funchal, n3o s3o pela sua beleza exterior (os motivos iconogr3ficos e a miscel4nia de cores), como pelos valores que faz reviver ao juntar num s3o corpo textos b3blicos profundos e fundamentais. Numa 3poca em que pairavam algumas d3vidas e ansiedades sobre os homens portugueses, este documento vem selar a f3e e os compromissos do Homem em rela33o 3 sociedade, em particular em rela33o a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, necessitavam dos servi3os da Alf3ndega. Vem, da mesma forma, evidenciar, com a sua decora33o aparatosa e apar4ncia luxuosas, a riqueza desta institui33o, promovida pelo com3rcio do a333car da ilha.

Trata-se ent3o de um documento que consideramos significativo para uma 3poca e para uma

instituição, uma vez que esta cópia de Evangelhos dá testemunho da tentativa de recuperação da beleza, da pureza e da fé, pela crença nos textos bíblicos, que nos atrevemos a chamar quase apocalípticos (considerando que são extraídos curiosa e especificamente de S. João, S. Mateus; S. Marcos e S. Lucas).

O documento faz ressuscitar valores que o uso da língua original – o Latim – que, *per si*, faz transparecer de forma única.

Bibliografia

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, 9º e 10º vols. Lisboa: editorial Verbo.

MARQUES, A. H. de Oliveira – *Dicionário de História de Portugal*. vol. II – Dir. de Joel Serrão. Porto: Livraria Figueirinhas, 1992.

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulistas, 1981.

PEREIRA, Eduardo C. N. – *Ilhas de Zargo*. Vol. I e II. 4ª edição. Funchal: Câmara Municipal do Funchal, Novembro, 1989.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal* (1580-1640), vol. IV. Lisboa: Editorial Verbo, 1979.

SILVA, Pdre Fernando Augusto e **MENEZES**, Carlos Azevedo de – *Elucidário Madeirense*. vol. I. Fac-símile da edição de 1946. Funchal: DRAC – Direção Regional dos Assuntos Culturais, 1984.

SPINA, Sigsmundo – *Introdução à E(c)dótica*. São Paulo: editora Cultrix, Universidade de São Paulo, 1977.